



# AZUL



ANNO I.

Pela Arte

TOMO I.

**Redacção:** Santa Rita Junior, Evaristo Pernetta, Nicolau dos Santos,  
Adolfo Verneck, Euchides Bandeira e Thiago Peixoto.

Curityba, 18 de Março de 1900.

## *Combate singular*



Pah!... Pah!... Pah!...

Tinem espadas pelo ar...

Retine a raiva e o odio se avoluma  
e põe-se em guarda espiando no olhar  
dos dois rivaes. Nos labios brilha espuma!...

E cresce... cresce... Porem, subito, uma  
espada estala e cae inda a cantar!...

Um corpo tomba e róla a branca pluma  
no parque perfumado do solar.

Um gemido de dor chora no espaço  
e vae morrer — o derradeiro abraço!  
no castello da loira castellã!...

Esgueira-se subtil a carruagem...

Faz-se o silencio... Apenas na ramagem  
Salvam ninhos a rutila manhã.

*Thiago Peixoto.*



# Ascenção

• Dario Meloso

No mesmo sonho harmonioso e doce, sonho amplamente illuminado e casto, que o afagára, embalando-o, durante toda a existencia desconhecida e vaga, enregelou-se, um dia, o coração do menestrel saudoso.

Demoradamente, n'uma agonia crudelissima e plangente de ave mal ferida em pleno surto, a tataral no espaço, fora estortorando, aos poucos, extinguindo-se, n'um bruxolear de cirio pallejante, até rolar, enfim, inteiriçado e calmo, na concha azul do suave-ninho ennastrado de musgo e de plumas louras onde, feliz, vivera claros dias serenos e bendictos. A nostalgia, talvez, de intensas emoções vibratilisantes, talvez, a enervadora fadiga de uma ventura inalterada e certa fizeram-n'o definhar, descontente de tanta placidez edenica, e elle entrará a exilar-se da terra em busca da Paz Suprema para completar, de vez, a tranquillidade asfixiante que o esmagava. E exilou-se agoniando lentamente, opiado pelo Tedio que, apoz torturas e renascimentos fel-o, afinal, dormir o sonno abençoado dos immortaes na campa raza dos Incomprendidos. Servio-lhe de sudario o mesmo sonho carinhoso e claro que era a historia toda, commo-vedora e simples, de uma alma visionaria, anhelante de novas phases e aperfeiçoamentos raros, celiada na clausura da materia e

sedenta de nihilismo, de irradiações e de clariividencias, tentando librar-se, vitoriosa, para um mundo de luz e de alvoradas imorredouras.

Longas luctas, somente depois de embates cruciantes e desenganos ferozes, conseguira o menestrel extinto pôr o coração a salvo das trahições e perfidias, encerrando-o no relicario de um sonho bizarramente estranho e extranadamente excelsa. E ahi, blindado com a gaze imponderavel de uma photosphera emanada das mortecores, dos matizes e das modulações, o prisioneiro augusto viveo feliz, alheio as miseras paixões dos homens, passando, indiferente, por entre as turbas, n'uma superioridade de mago, como si fora estrella peccadora desterrada do nucleo sidereal do sete-strello. Passava feliz e incomprehendido sem que até elle — forasteiro sublime — pudesse chegar os borrifos das espumas verde-negras da calunia e da injuria golfadas pela preamar do oceano da Inveja; insensivel a todas as blasphemias e surdo a todos os clamores regougados pelas gorjas impotentes dos nulos e dos imperceptiveis.

Nenhuma voz poude arredal-o d'esse Ignoto maravilhoso por onde devaneava, embora andasse palmilhando à terra. Nem o Amor, tangendo o plectro dos madrigaes floridos, rescendendo a lyrios.... Ah! Esse nunca fal-o-ia baixar das Alturas, fechando-lhe as azas do sonho, em volteios rodopiantes e tremulos, porque Lá, no paiz

phantastico onde nubivagueava, havia um altar de topazio e purpura, ante o qual elle se prostrava, em supplica, adorando a Vesper de suas noites, a *Stella tramontana* de suas inspirações. Nenhuma voz conseguiu trazel-o a Realidade. Pairava no Azul, a vogar, velas pandas, na barcarola astral do sonho e foi dentro d'esse mesmo sonho caricioso e

casto que elle sentio-se nostalgitico, endoudecido por novas sensações empolgantes e fortes, por que as almas nirvanisadas querem sempre, eternamente, emoções novas e exquisitas, o Requinte, o Imprevisto, almejando o Nunca Visto nem Sentido, e na ancia fatal que as arrebata: julgam mesquinha a propria Immensidate!...

**Euclides Bandeira.**



## AMAZONA

*A Ricardo de Lemos.*



„Eia, corsel! Alé!..“ Fogoso empina  
No ar a cabeça o bello poldro ouvindo  
O audaz convite, e, celere, premindo  
O freio, parte a disparada... A crina

No espaço voa.... o vento silva!.. Infido  
Goso a Amazona varonil domina...  
Quer correr mais... mais, muito mais! e a fina  
Chibata vibra no corsel, sorrindo!..

E redobra a carreira, estrada a fora,  
No luzido alazão que quando a espora  
Sente, espumeja e doudo espinoteia.

.... Alfim desapparece, de repente,  
Deixando vêr atraç de si somente  
Uma nuvem subtil de fina areia.

**ADOLPHO WERNECK.**



*Caim* . . .

e errou só e maldicto...  
Velho Testamento.

A Aristides França

I

O' meo Anjo da Guarda! ó flôr de Jerichó!  
Esperança de luz! leva-me pela mão  
Ah! faze-me galgar a escada de Jacob  
Do Sonho... e o alvo céo d' prata da Illusão!

II

Nas estrellas em flôr, na Torre do Pôrvir  
A minha Tenda ergui, dôidamente a sorrir!  
E o Ideal floresceo, — ó lyrio da manhan  
Lyrio Azul! céo azul! ó céo de Chanaan!

III

Açucenas beijando e caçoulas de ouro  
Eu andei a vagar na estrada do Futuro  
A beijar o Ideal engrinaldado e puro...

Mas o Tedio feroz olhando para o Sonho  
Disse baixando o olhar negramente medonho:  
— Eu me sinto vencido, ó Satan, ó Satan!  
Eu me sinto morrer no po d'este monturo  
Esmagado no chão, como mizera ran!..

— „Venceo-te a Primavéra, á ti? ó meo amigo  
Pois volta para lá que lá serei comtigo...“

E a serpente do Mal vitoriosa enfim  
Grangrenou a Illusão! meo sceptro de marfim!  
Maldicão! maldicão! bradei ao ver em lama  
A Esperança!..

Na mão a espada e o Rei sem calma  
Esso Tedio cruel póz-se espumando a arfar:  
— Triumphei afinal! Satan! vinde bailar!..“

IV

Como novo Herculan, do Sonho e da Illusão  
Em cinza, amortalhou-me inteiro o coração... .

Uma fria coruja á gorgalhar no escombro... .  
Louco espetro galopa, um manto preto ao hombro ..

V

E o Tedio ficou só revolvendo o beindicto  
Pó verde da Esperança e a cinza da Chiméra  
De lucto voejando em cada Primavéra... .

VI

E o espetro (Caim do coração afflito)  
Galopa a exterminar; da lança jorra sangue... .

Nas trevas estacou!... Negro Tedio maldicto!  
Desdobrando a mortalha em cima do meo Horto... .  
Piedade Caim! deixae o Lyrio exangue!  
Céo Azul! sepultai o louro Sonho morto!

*Santa Rita Junior.*

# VERSOS



Guarda estes versos que te offerto, Lia.  
Guarda. Talvez a mainem teos pesares,  
Si uma existencia, lugubre e sombria  
Como a que passo, um dia tu passares.

Agora vives, como as almas puras  
Vivem, de sonhos e illusões repletas;  
Por isso ris das magoas e torturas  
Que nirvanisam os corações dos poetas.

Noiva -- este mundo á teo olhar patece  
Um dos paizes dessas lendas mortas....  
A aurora surge, vai-se e a noite desce  
E entre sorrisos sempre te comportas !

Não ha, talvez, na creaçāo quem viva  
Tão felizmente como os passarinhos,  
Sempre a cantar essa cançāo festiva  
Que veem dos ramos onde estão seos  
ninhos.

Simples, despida da vaidade humana,  
Mas feliz sempre nos seos devaneios,  
Não é tão bello ver a ave ufana  
De seos cantares e de seos gorgelos ?

Assim quem gosa, pois, maior ventura  
Entre os viventes todos d'este mundo?  
Quem gosa fructo de melhor docura  
Que seo viver e seo amor fecundo?

Pois bem, Lia! Que vivas como as aves  
Que em trinos toda a natureza encantão  
E que teos annos sejam tão suaves  
Como as proprias canções que as aves  
cantão.

Comtudo, Pomba, guarda esta poesia.  
Guarda! Talvez amaine teos pesares,  
Si uma existencia, lugubre e sombria  
Como a que passo, um dia tu passares.

Rio 15-11-1900.

PEREIRA DA SILVA.



## CBALLADAS

As primeiras rajadas do Outono, vão-se as folhas amarellecidas das arvores.

Sonhos que se finaram de seiva e alam-se serenamente tristes, em funebre procissão ao Campo Santo da saudade.

Não mais voltará a primavera festiva.

Não mais cantarão os sinos. A hera bravia subirá as torres ennegrecidas dos castellos d'outr'ora.

Os passaros fugirão apavorados.

\* \* \*

Noite.

E' a symphonia da morte.

O inverno asperrimo da vida coalhando o deserto da alma.

A morte do coração !

\* \* \*

Os teos olhos...

Foram os teos olhos de um azul symbolico que me envolveram nas chamas cruciantes do desespero.

Foram elles, só elles, os assassinos inconscientes da minha pobre alma.

Alterosa, indiferente, nem a viste debater-se, louca mariposa, a luz do teo olhar.

Que importa?...

Morri...

... Nos labios o teo nome smorzando em pallida surdina....

Morri.

Que importa?!

Não mais voltará a primavera festiva.

Não mais cantarão os Sinos.

Morri.

1º—3—900.

NICOLAO DOS SANTOS.

## A Morte de Thaïs

— Les voila les roses de l'éternel matin!  
Anatole France—Thaïs—



(Sobre uma pagina de Anatole France)

Fitando o Azul, lyrios brancos, as petalas das alvissimas corollas pendidas, affladas pelos Euros, oscilando, murmurinham preces doloridamente angustiosas.

Virgens ciliciadas e reclusas psalmodiam, tremulos os labios brancos, nenia tristissimas, as mãos pallidas e nervosas, em supplica, olhos volvidos para o engano supremo.

Pungentes soluços enlutam, entristecem o ambiente, como a tristeza daquelles corações espezinhados pela Dôr.

Litanias, — consolação e desesperança, — gritos e supplica, — confusão de dores e desgraças, — pelo espaço sereno ascendem.

Thaïs, — a rosa da Alexandria, — a cortezan voluptuosa e bella, — Rainha de todos os corações, agonisava...

Mulheres bellas, envoltas em vestes diaphanas, miram-se, apavoradas, nos olhos azues de Thaïs.

Pelas frinchas do locutorio sombrio, escurecidas pelos cyprestes, outras, nos echos enfraquecidos, ouvem funebres revelações.

Anachoretas lividos, habituados à Dôr interrogam o Infinito, doloridamente.

Thaïs, — a formosa egypcia, agonisava...

Agonisando, sonhando, Thaïs, — a bella, — via no Azul, sobre um leito formosissimo de purpura e de rosas, guarnecido de anjos louros, o esquife dourado que a esperava.

Volveo mansamente os lindissimos olhos para o Alem, depois, pallida, muito pallida, apontando o ceo, extraordinariamente bella, balbuciu aos ouvidos do asceta

sacrilego, que a invocara entre rugidos de fera e alucinações de recluso, uma palavra de perdão sublime; e desfalleceu, sentindo que

para o seu coração de penitente iam desabrochar no Azul as rosas da manhan eterna.

CARLOS RAPOSO



## D. Constancia

D. Constancia, que olhos tão lindos

Como o luar . . .

D. Constancia, que olhos infindos.

Que bom de olhar!

D. Constancia, que labio rubro,

Lyrio e setim . . .

Ah! quem me dera meu mez de Outubro,

Beijal-o assim . . .

D. Constancia, que mãos tão claras,

Que cheiram mais

Do que as essencias puras e caras,

Orientaes !

Ah! ninguem sabe se acaso vê-te

— Sonhos crueis! —

Que eu desejará ser o tapete

D'aquelles pés.

*Evaristo Pernetta.*



## Historico da idéa de Deos

(Burmeuf)



(Concluções)

Por outro lado, nas cidades latinas e sobretudo em Roma, onde pensava-se pouco e onde a politica, o commercio e os interesses materiaes occupavam os espíritos, as synagogas judaicas tinham infinitamente mais ascendentes do que nos centros esclarecidos do hellenismo, onde elles eram

como perdidas na luz. Esta importancia passou das raças ás doutrinas e dos Judeos aos christãos; quando os doutores da egreja latina ajuntaram ao ensino evangelico um systema de metaphysica regular e completo, foi excluida a cér pantheista e o deos do catholicismo foi, em realidade, e deos dos Judeos.

E o foi por longo tempo. Atravessou a escholastica da média — edade; porque o uso immoderado que se fez dos processos

peripateticos não excedia as formulas logicas e tão pouco attingia o fundo das coisas. Pode-se dizer que o deos de *Santo Agostinho* torna-se o de *Santo Anselmo* e que esse ultimo foi adoptado por todos os metaphysicos do catholicismo ate os nossos dias. Ha mais; quando os leigos começaram a querer pensar por sua conta e trouxeram a tona as afirmações tradicionaes, questionando-as, nem *Bacon* nem *Descartes* libertaram-se da metaphysica romana. Os argumentos desse ultimo, relativos á existencia e á natureza de Deos, não foram mais que a reprodução dos de *Anselmo* e *Santo Agostinho*. A propria idéa que elle fez do soberano Sér não differio da dos Padres latinos e dos escholasticos. Excepto dois ou tres, todos os metaphysicos, descendentes da reforma cartesiana, adoptaram esta idéa. Retomada em nossos dias pelos philosophos eclecticos, não foi submettida á nenhum exame critico. De sorte que esse deos tradicional é o deos de todo o catholicismo.

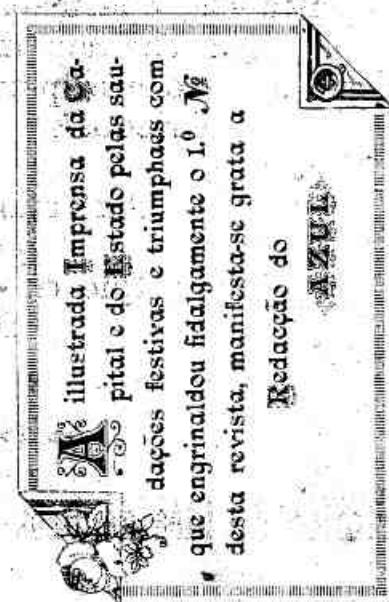
Os catechismos dão sua definição e indicam seos attributos. Si o leitor almeja conhecer d'uma maneira mais explicita os dogmas e os argumentos da metaphysica catholica, os encontrará expostos com methodo e clareza no *Curso superior do ensino religioso*, publicado em allemão por *Martin*, bispo de Paderborn, e traduzido em frances por *Eicher*, com aprovação de muitos bispos. Esta traducção data de 1874. A obra apresenta um quadro assas completo da doutrina catholica contemporanea. O autor esforça-se por refutar as opiniões oppositas, a medida que elles se apresentam; e, como a sinceridade e a moderacão são duas das qualidades as mais manifestas deste escripto, elle mostra, melhor que

muitos outros, o forte e o fraco desta doutrina. Não temos que reproduzil-o aqui. E' nosso fim mostrar, não o que todo mundo conhece, mas sim como velhos dogmas tradicionaes puzeram o catholicismo em discordancia com a sciencia adquerida e, portanto, com a sociedade moderna.

E' de notar que o mesmo desacordo existe entre os homens de sciencia e os philosophos: ha entre elles uma lacuna, que vamente se ha tentado preencher nesses ultimos annos e que subsistirá, enquanto a metaphysica dos philosophos se confundir com a do catholicismo.

Carlos Raposo.

Rio de Janeiro, 17-2-1900.



#### Expediente.

O AZUL será publicado quinzenalmente.

#### ASSIGNATURA:

2 mil rs. por trimestre.

#### REDACÇÃO:

#### PRAÇA DA REPÚBLICA N.º 4

— „Typ. Der Beobachter“ —  
Travessa da Proclamação N.º 5.  
CURITIBA,